

Revista “SETE FIOS” Homenageia Chico Xavier

Relato da história de Radovir Antônio dos Santos, cirurgião em São José do Rio Preto, SP, citado no livro “Carmelo, Ele Mesmo”, Ed. GEEM, através da psicografia de Chico Xavier. Trechos da reportagem e da mensagem dada pelo cirurgião, gentilmente cedida pela revista “SETE FIOS” ao CONSOLADOR.

Autor de mais de 400 livros psicografados ao longo de setenta anos de produção, Chico Xavier mudou a face do espiritismo no Brasil e se tornou um mito. Ao mesmo tempo, trouxe uma questão crucial para o debate religioso: é possível haver comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos? Histórias como a de Radovir Antônio dos Santos, um cirurgião de São José do Rio Preto, sinalizam essa possibilidade. No centenário de Chico Xavier, a **Sete Fios** apresenta uma das diversas mensagens que ele psicografou e propõe aos leitores um momento de reflexão sobre o trabalho realizado pelo médium.

Ainda estou convalescendo, embora trabalhando. Perdoo-me o comunicado objetivo. O médico, talvez porque viva na intimidade do sofrimento humano, esqueceu o jardim da ternura que não cultiva no sentimento. Obrigados ao contato com a dor, não falamos com efusão e alegria. Ainda assim, conquanto aquela despedida ligeira, as saudades estão comigo. Saudades de você e de nossos filhos. Era 3 de fevereiro de 1984 e o médico cirurgião Radovir Antônio dos Santos enviava uma mensagem para sua esposa, Martha Sestini dos Santos. Fazia pouco mais de um ano que o casal havia se separado. Uma separação dolorosa para toda a família. Em 25 de janeiro de 1983, Radovir, com 60 anos de idade, falecia de um infarto do miocárdio na Santa Casa de São José do Rio Preto,

interior de São Paulo. Chegava ao fim um casamento de 34 anos que continuaria vivo pelas mãos do médium Chico Xavier – mineiro de Uberaba que ouvia vozes de espíritos e psicografou centenas de cartas que trouxeram conforto para pessoas como Martha. Desde que entrou em contato com Chico Xavier por meio de Romeu Grisi, seu cunhado, Martha recebeu quatro mensagens que seriam de Radovir. A primeira, em fevereiro de 1984, a segunda, em agosto de 1984, a terceira, em outubro de 1986, e a quarta, em março de 1989.

As cartas psicografadas por Chico Xavier o transformaram no porta-voz do mundo dos mortos mais famoso do país. E demonstraram aos crentes que haveria continuidade da existência além da vida. A ocasião em que Martha recebeu a primeira mensagem do marido foi detalhada numa anotação guardada até hoje por sua filha mais nova, Lília Sestini dos Santos Gusson – Martha morreu em 30 de setembro de 2005. Diz o texto: “*Fomos à Uberaba com o carro do Romeu. O Nininho [Radovir Antônio dos Santos Filho, irmão mais velho de Lília] também foi. No dia 3 de fevereiro de 1984, sexta-feira, fomos à casa do Chico. Almoçamos lá. Foi um almoço delicioso, com sobre-mesa farta. O Chico transmitiu alguns ensinamentos sobre violência, suicídio, assassinatos, bomba nuclear, arte, cultura, comportamento do ser humano, espíritos de luz etc. Depois, fomos ao centro [espírita], onde Radovir mandou a mensagem. Chico chamou o Romeu para auxiliá-lo a decifrar. O Nininho foi comigo para escutar o Chico ler a mensagem e entregá-la a mim. Fiquei emocionada. Saímos à meia-noite de lá. Domingo, dia seguinte, partimos para Rio Preto.*”

Prova irrefutável

Para quem conheceu Radovir, não há dúvida de que as quatro cartas psicografadas por Chico Xavier sejam mesmo do cirurgião. Além de trazer conforto, elas fortaleceriam a fé na imortalidade da alma. “Posso dizer que o espiritismo me sustenta emocionalmente. Em sua filosofia, encontro a razão de viver, de superar os problemas da vida sempre com confiança, alegria e serenidade”, diz Lília. A única filha mulher de Radovir gosta de lembrar do apelido pelo qual seu pai a chamava, “chuquina”, uma referência ao modo como Martha prendia o cabelo de Lília na infância. Amparada pela mensagem do médium mineiro, ela comenta as dúvidas que cercam o trabalho de Chico Xavier: “Penso que aqueles que não creem na mediunidade dele estão perdendo a oportunidade de se esclarecer. Com certeza, irá chegar um dia que verão a verdade. Se não for por amor, será pela dor.” A pedido da **Sete Fios**, Lília permitiu a divulgação da primeira carta que teria sido enviada por seu pai. Para cada parágrafo, há um comentário escrito por ela. As informações revelariam a autenticidade da mensagem.

Radovir Antônio dos Santos, nascido em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, formou-se em medicina em 1947 pela então Faculdade de Medicina da Praia Vermelha (atualmente Faculdade de Medicina de UFRJ). Quando conheceu Martha Sestini tinha 27 anos; foi amor à primeira vista. Casaram-se em 1949, em São José do Rio Preto, SP, onde era cirurgião da Santa Casa de Misericórdia. Com o apoio da esposa construiu uma carreira notável, destacando-se no importante polo médico que é esta cidade no interior do estado de São Paulo. Por causa de seu trabalho foi escolhido como um dos 100 homens rio-pretenses que se des-

EDITORIAL

Trocando idéias sobre as maiores necessidades atuais dos centros espíritas no que concerne sua finalidade e atuação nas comunidades onde se situam, L.C., amiga e expositora desta casa, deu-nos sua valiosa opinião em poucas palavras: **“humildade e simplicidade na aplicação dos preceitos evangélicos. As casas que se mantêm coesas na observância e vivência do Evangelho, certamente contam com o apoio integral da Espiritualidade Maior que representa nosso Mestre Jesus junto a nós.”**

Os centros espíritas são as células que compõem o movimento espírita. Este é direcionado a congregá-los e iluminá-los para refletirem a pureza do Espiritismo aplicado entre os homens. Nessa relação ‘centro – movimento’, um deles vindo a falhar fatalmente prejudicará o outro. Se o centro ou a organização que os congrega não cuida de se ater aos objetivos para os quais se organizou, produz perdas para ambos, da mesma forma que a célula e o órgão são afetados quando acometidos por desequilíbrios. Poder-se-ia argumentar: “mas apenas uma célula que adoeça não comprometerá o órgão formado por uma multidão delas”. No entanto, retrucamos a quem pensa assim, recorrendo ao que a patologia nos mostra: basta uma célula se rebelar para que se inicie o neoplasma que vai comprometer todo o órgão. Pode-se também acrescentar nessa ilação: se um órgão é mal-tratado ou conduzido com displicência, todas as células que o compõem sofrem o prejuízo.

Em vista deste raciocínio vêm-nos à mente os vícios a que o homem está sujeito, entre eles o exibicionismo e a fascinação pelo poder e o mando. Há que lutar para que o movimento espírita e as células que o compõem, os centros, não se distanciem da humildade e da simplicidade do Evangelho, porque a todo momento, o homem é tentado à invigilância.

Cuidemos, pois, trabalhadores que somos da Seara do Mestre a serviço da Causa Espírita, de nos esforçar para que a pureza da doutrina seja preservada dos maus autores de livros que nada trazem de bom para as indispensáveis leituras que fazemos; dos expositores que distorcem as verdades espirituais colocando idéias pessoais e nocivas na mente de ouvintes mal preparados, de confrades que se colocam em cargos de evidência, mal escondendo o personalismo e a vaidade, deixando assim de exemplificar e testemunhar o que nos ensina Jesus.

Oremos por aqueles que traem os sacrossantos ideais espíritas, trocando-os pelas coisas materiais, ao comportar-se como o joio prejudicando o bom trigo na Seara do Cristo. Que eles meditem e retornem ao aprisco do Senhor como haviam proposto: humildes, mansos e cumpridores de seus preceitos.



tacaram no século XX.

Embora se dizendo agnóstico em matéria religiosa, foi muito humano e caridoso, tendo trabalhado 35 anos, operando gratuitamente os indigentes da Santa Casa, o que lhe deu invejáveis méritos espirituais. Desencarnou em 25 de janeiro de 1983, vítima de enfarte do miocárdio aos 60 anos, deixando inconsolável sua esposa Martha e três filhos: Radovir (Nininho), Nelson e Lília.

AMENSAGEM

Martha, Deus nos abençoe
É um prazer revê-la com o Nininho e nossos parentes. O 25 [de janeiro de 1983] passou e venho agradecer as suas preces e suas flores. Ainda estou convalescendo, embora trabalhando. Perdoo-me o comunicado objetivo. O médico, talvez porque viva na intimidade do sofrimento humano, esqueceu o jardim da ternura que não cultiva no sentimento. Obrigados ao contato com a dor, não falamos com efusão e alegria. Ainda assim, conquanto aquela despedida ligeira, as saudades estão comigo. Saudades de você e de nossos filhos.

Comentário de Lília, sua filha | “Meu pai foi internado no hospital no domingo, dia 23, e minha mãe ficou com ele o tempo todo. Na terça-feira de manhã, ela se despediu rapidamente dele dizendo que iria a casa e que voltaria em seguida. Estava tomando banho quando o telefone tocou dizendo que meu pai acabava de falecer.”

Estimo a presença do Nininho ao seu lado. O nosso rapaz habitou para o magistério dedicou-se aos madrigais, mas se preciso estará lecionando. Não lhe censuro a vocação por-

que o Nininho é um rapaz de sentimentos espirituais nobres. Creia, ainda me sinto inabilitado para escrever uma carta. Se fosse um bilhete breve, talvez me desenvolvesse essa escrita com naturalidade. Venho simplesmente dizer-lhe que a morte não é um bicho de sete cabeças. Quando percebi que me achava em fase terminal por muito me esforçasse para revê-la, tive a impres-

são que meus olhos se fixavam em outro mundo. Quando consegui algum repouso, vi o Arlindo perto de mim e compreendi tudo.

Comentário | “Dr. Arlindo Antônio dos Santos, também ele médico, irmão de meu pai, havia falecido cerca de 10 anos antes dele.”

Eu mesmo tentei andar e consegui, muito embora cambaleando. Senti a impossibilidade de conversar, no entanto, minha sensibilidade nada perdera. O abraço do Arlindo era uma revelação chocante e absurda porque eu não queria e nem esperava deixar o meu corpo do qual me havia desligado sem consulta prévia. Sentia-me deslocado, quando o Dr. Orlando e outros amigos me acalmaram o cérebro excitado.

Comentário | “Dr. Orlando Van Erven Filho era amigo da família e médico psiquiatra. Faleceu em 1976. Dele consta uma mensagem no livro ‘VIDA NO ALÉM’, psicografia de Chico Xavier, Ed. GEEM.”

Você sabe que chorar para mim seria difícil. Se me habituara a ver tantos mortos na profissão, porque me haveria de assustar com aquele corpo inerte que fora o meu? As teses espíritas estavam na minha cabeça, mas não sabia me comportar na situação. Estava preparado para aquela surpresa pelo raciocínio, mas não pelo sentimento. De nada valeriam porém, os meus rogos para que me ajustassem ao corpo desvalorizado de forças. O nosso amigo Dr. Fochi me prevenira com discrição. Deveria agir com cuidado, mas não acredito que um homem de trabalho procure se ligar à ideia

de morte ou desencarnação. Afinal, fui transferido de residência onde consegui descansar. Mas era acordado como que chamado por sua voz. Um desejo imenso de voltar me dominou o pensamento, mas imediatamente pensei que já não possuía o mesmo veículo de manifestação. Resignei-me. O médico raramente faz o que deseja. A disciplina alimentada por muito tempo funcionou. O Dr. Orlando me auxiliou com esclarecimentos sensatos e aqui estou para dizer a você que estou melhorando. Quando isso me faz possível, acompanho você nas idas à fazenda, que ficou esperando pela construção da casa. Continue visitando o sítio de nossos planos. Não permita que as saudades lhe amarrem os braços e prossigamos em nossas pequenas plantações. A casa sonhada chegará um dia. Não se acredite sozinho porque quando se me faça possível prosseguirei a seguir-la nos fins de semana para os nossos hábitos cultivados com esmero.

Comentário | “Meus pais tinham uma propriedade agrícola próxima a Votuporanga (SP) onde passavam todos os finais de semana. Era lá que eles se divertiam em contato com a natureza. Tempos depois, minha mãe construiu a casa que os dois haviam planejado, e que não foi possível, a ele, de vê-la em vida.”

Os amigos que me auxiliam não me querem dar boas notas em redação rápida. Julgam-me destreinado e isto realmente acontece. Não vejo segura naquilo que estou tentando escrever. O jeito profissional de comunicação com as pessoas mais queridas, dentre elas você está em primeiro lugar como não podia deixar de ser. Penso em nosso Nelson hoje casado com a Mariliza e em nossa Lília agora esposa do nosso Dr. Carlos. Transmita-lhes o meu cordial carinho.

Comentário | “O Nelson, meu irmão do meio, e eu, nos casamos no mês de maio de 1983 (ano do falecimento do meu pai). O mais interessante é que ninguém chamava o meu marido de Dr. Carlos, somente meu pai o chamava assim. Ele sempre dizia que um médico deveria ser chamado de “Doutor”. Na família, meu marido é chamado apenas de Carlos e, no meio profissional, ele é co-

nhecido por Dr. Gusson (pelo sobrenome). E o meu nome é Lília, sem o “n” no final, na mensagem veio corretíssimo.”

O nosso Arlindo me pede para terminar. Não estou grafando aquilo que eu desejava, mas você me descobrirá nas entrelinhas. Nunca escrevi demoradamente, excetuando-se certas ocasiões em que isso fosse preciso.

Comentário | “Realmente, ele nunca foi de escrever muito. Ele tinha em seu escritório, em casa, pequenas fichas com o nome dele impresso. Era nestas pequenas fichas que ele escrevia todas as correspondências que enviava, fossem elas cartas ou cartões de natal etc.”

Agradeço ao Romeu e a Hilda que acompanharam você até aqui. O Hilário tem sido para mim um amigo providencial, pois retomei seus abraços. Não consigo escrever mais. Ao Nininho o abraço de pai que fiquei lhe devendo.

Comentário | “Meus tios, Romeu Grisi e Hilda Sestini Grisi, haviam levado minha mãe a Uberaba. Hilário Sestini era o irmão mais velho de minha mãe, tendo falecido em 1976. Ele e meu pai tinham afinidades e se davam muito bem. Nininho, meu irmão mais velho, realmente ficou esperando este abraço de pai, e pelo fato de ter grande sensibilidade para as artes, dedicando-se à música, meu pai - que não admitia outra profissão para ele que não fosse a medicina - não o apoiava. Acredito que ele não soube compreendê-lo e aqui ele reconhece isto.”

Muitos amigos nossos me auxiliam aqui, mas estou num campo colhendo o carinho dessa gente que nos recebe aqui.

Sou grato a todos. Ainda não consigo escrever como desejo. Talvez excitado ou nervoso, mas estou bem. Lamento não haver estudado estes problemas da desencarnação recente. Entretanto, sempre preocupado em preservar vidas, não tive inclinação para os caminhos da morte. Querida esposa, deixa-me chamá-la querida, espero uma oportunidade em que eu consiga escrever-lhe como preciso. Peço que você diga ao nosso amigo Dr. Fochi que a morte não existe mesmo e que a vida nos chama para desenvolver os deveres habituais. Prometi no coração dizer isto a ele, afirmando que a vida existe fora do corpo físico e espero que minhas palavras cheguem a ele até como meu rude processo de explicar.

Comentário | “O Dr. Fochi é médico cardiologista da Santa Casa de São José do Rio Preto e ainda hoje é vivo. Quando minha mãe chegou de Uberaba, foi até a casa dele para confirmar esta informação e lhe dar o recado. O Dr. Fochi nos confirmou, pois eu estava junto, que ele e meu pai estavam jogando xadrez na sala dos médicos da Santa Casa e não havia ninguém mais na sala. Naquela ocasião, os dois combinaram que aquele que falecesse primeiro daria um jeito de dizer se a morte existia ou não. E o trato foi cumprido.”

Receba muito amor com o Nininho, com o Romeu e com a Hilda e todos os nossos. Estaremos juntos como sempre e muitas saudades do esposo sempre seu.

Radovir

Reportagem e edição | **Eliseu Barreira Junior**

Ilustração | **Victor Silva** | (www.revistasetefios.com.br)

Expediente

Consolador
Comunidade Espírita Cristã

Publicação Trimestral do Consolador
Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 – Copacabana
Site: www.consolador.org

Presidente: José Corni

Vice-Presidentes: Sandra Aurora A. dos Santos, Dilce de Cássia L. Tavares Bitencourt

Designer Gráfico: Durval R. Filho - 9714-7262

Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues

Cartas para este Jornal: Aos cuidados do Jornal do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro/RJ

e-mail: jornal@consolador.org

visite nosso site: www.consolador.org

O LEITOR PERGUNTA

Frequentador – A jovem B. entregou uma longa carta aos dirigentes do Consolador onde narra sobre o seu pavor de morrer, desde os 5 anos de idade. Embora não haja perguntas na carta, elas ficam claras em relação a esse medo traumático que sente, mas que já melhorou depois que começou a frequentar esta casa. Por que isto acontece com a nossa irmã?

Equipe do Consolador – Nossa irmã B. é dotada de grande sensibilidade e o trauma que se manifestou foi aumentado em virtude desta mesma sensibilidade. As causas certamente se prendem a existências pretéritas, com o atenuante de as vivências dos fatos em torno da morte e da solidão de sua última encarnação não terem chegado ao seu consciente.

Como e quando poderá se livrar deste medo de morrer?

Pela convicção - não apenas crença - na sobrevivência da alma após a vida física, apoiada nos ensinamentos que o Espiritismo é capaz de dar-lhe. Estes novos conhecimentos, respaldados na lógica e na razão farão com que este trauma, desapareça com o passar do tempo. Rogamos a você, cara irmã B., que continue prestigiando esta casa com sua presença nas palestras e recebendo passes para que possa sentir a paz que Jesus nos prometeu quando disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Frequentador – É verdade que certas doenças só são curadas se nos socorrermos de benzeduras? Os passes recebidos nos centros espíritas não fariam o mesmo efeito?

Equipe do Consolador – Existem certas modalidades da mediunidade de cura que podem estar presentes em pessoas de qualquer meio. Podem estar no centro espírita ou em outros credos,

não importando onde se situam. Se estiverem em ambiente humilde tais médiuns são categorizados, se forem do sexo feminino, como benzedoras ou rezadeiras, porque se constata que suas rezas são fortes, isto é, que possuem a faculdade de cura. A Igreja Católica tem sido complacente com elas porque aliviam o sofrimento dos doentes que dispõem de recursos médicos.

Podemos afirmar a você que o tratamento de passes no centro espírita pode alcançar os mesmos resultados de uma autêntica benzedora que trabalhe sem cobrar.

Frequentador – Quando colocamos a água para ser fluidificada pelos espíritos, torna-se necessário deixar destapado o recipiente, a fim de que os fluidos possam penetrar no líquido?

Equipe do Consolador – Muita gente pensa que sim, e perdem a fé na água que foi fluidificada com o recipiente tapado. No entanto, meu irmão, as centenas de garrafas que eram colocadas no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, todas tapadas, depois de fluidificadas, algumas apresentavam diferentes graus de leitiosidade, enquanto outras não mostravam alterações visíveis, mas podiam ter odor que diferia entre uma garrafa e outra, fatos estes testemunhados por um de nossos diretores. Os fluidos quintessenciados manipulados pelos espíritos atravessam a matéria densa. Conclui-se daí não seja necessário destaparmos os recipientes para que a água seja fluidificada. No entanto, se você prefere o contrário, confirme seu desejo com a equipe dos fluidificadores de nossa casa e ele será respeitado. Para nós, respaldados nos conhecimentos da Codificação Espírita, tanto faz que o recipiente esteja tapado ou não no momento de fluidificação.

Frequentadora - Meu cãozinho

de estimação morreu e eu estou sofrendo muito com sua ausência. O que pensa o Espiritismo sobre a minha tristeza?

Equipe do Consolador - É natural o sofrimento pela perda de um animal que amamos. Para ajudar a consolá-la, afirmamos que os animais possuem uma alma, embora diferente daquela dos humanos. Cães, ao lado dos animais que estão mais próximos ao homem, são atendidos por espíritos que têm esta missão junto a eles, até que reencarnem para continuar sua evolução. Existe já na literatura espírita obras que falam sobre o destino dos animais; a primeira delas é de Ernesto Bozzano: “Os animais têm alma?”. Cara irmã, tenha certeza de que seu amor pelo cãozinho não se perderá. De onde estiver, ele o retribuirá. Não é necessário fazer preces por ele, porque está aos cuidados dos bons espíritos, sob o olhar de Deus.

Frequentador – Noto que nesta comunidade a luz vermelha é usada para as preces no salão e na câmara de passes; essa luz não poderia ser substituída por outra de cor diferente?

Equipe do Consolador – Poderia, sem dúvida. Muitas casas espíritas usam luz azul para enfraquecer a luminosidade. Em nossa casa, o mentor Baltazar, através do conhecido médium Altivo C. Pamphiro, presente na primeira reunião da comunidade, orientou-nos para que usássemos a luz vermelha tanto para a prece como para os passes, a fim de que os espíritos pudessem manipular o ectoplasma liberado pelos médiuns que possuíssem a faculdade de efeitos físicos. Nós continuamos seguindo essa orientação que sempre deu bons resultados e também porque, segundo a física nos demonstra, a luminosidade vermelha permite ver melhor na obscuridade. Não existem outros motivos.

BIOGRAFIA

Bittencourt Sampaio

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (Laranjeiras, Sergipe, 1º de fevereiro de 1834 — Rio de Janeiro, 10 de outubro de). Espírita de grande projeção em nosso país, além de político, jornalista e poeta.

Se ainda não conhecíamos sua vida, pelo menos seus lindos versos, musicados pelo famoso compositor Carlos Gomes, na modinha “Tão longe de mim distante” são cantados pelos brasileiros há mais de um século. - Iniciou o curso jurídico na Faculdade de Recife, concluindo-o na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo.

Não se sabe ao certo quando entrou para o Espiritismo, mas em 1873 já fazia parte do grupo Confúcio, formado por intelectuais espíritas. Homem público que se projetou também ao tempo do Império, foi presidente da então província do Espírito Santo e diretor da Biblioteca Nacional.

Nas atividades ligadas ao Espiritismo foi membro fundador da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade (Rio de Janeiro, 23 de março de 1876), mais tarde denominada Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1879).

Diante das dissidências naquela sociedade participou, junto de Antônio Luís Sayão e o médium Frederico Júnior na fundação do Grupo Espírita Fraternidade, sob a presidência de João Gonçalves do Nascimento, notável médium curador. Posteriormente ajudou também a fundar o Grupo dos humildes, mais conhecido como “Grupo do Sayão” que, numa primeira fase, durante perto de um ano, realizou proveitosas reuniões. Mais tarde o grupo denominou-se “Grupo Ismael” e se integrou na Federação Espírita Brasileira, onde existe até os nossos dias.

Publicou várias obras, dentre elas “Jesus perante a Cristandade”, “Do Calvário à Apocalipse” e a obra poética “A Divina Epopeia”, baseada no evangelho de João, cujos versos têm a mesma estrutura usada por Dante Alighieri em “A Divina Comédia”.

Destacou-se ainda como médium receitista, ou seja, receitava homeopatia sob inspiração mediúnica.

É apontado por Frederico Figner, (com o pseudônimo de Irmão Jacob) na obra “Voltei”, de Chico Xavier, como o responsável pelos estudos evangélicos na pátria de Ismael.

Por tudo que fez na implantação do Espiritismo no Brasil, por tudo que é, Bittencourt Sampaio é também... Sal da Terra. Que ele possa nos orientar e inspirar nos estudos evangélicos de nossa comunidade.



Caro leitor: contamos com suas perguntas que poderão ser entregues aos dirigentes das reuniões ou no nosso site (no final da página) para o próximo trimestre.

Consolador - Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana

Livro do Trimestre

“NAS VORAGENS DO ECADO”



Em 1959 Yvonne A. Pereira lança o livro ‘Nas Voragens do Pecado’ através da FEB, o primeiro volume da trilogia que prosseguiu depois com ‘O Cavaleiro de Numiers’ e se completou com o ‘Drama da Bretanha’, todos assinados pelo espírito Charles.

Neles os personagens seguem a trilha reencarnatória iniciada no século XVI. A própria D^a. Yvonne, em prefácio de uma delas narra-nos como estes livros foram recebidos através de sua mediunidade ímpar: “A série foi ditada de trás para diante, pois o último livro foi, justamente, o primeiro a ser escrito, isto é, ‘O Drama da Bretanha’”. Na realidade ela guardara os ditados do espírito de Roberto de Canalejas das duas obras desde a mocidade. O espírito Charles mostrou-lhe que elas eram a continuidade de suas existências depois da obra ‘Nas Voragens do Pecado’, obtida entre 1957 a 1959. Em 1930 Roberto de Canalejas havia se despedido da médium para reencarnar-se, deixando aqueles dois romances incompletos. Charles, então, deu-lhes nova forma com seu próprio estilo para serem publicados em 1972.

Quem escreve esta nota participou, junto à médium, da possibilidade de se formar a trilogia, recebendo as explicações que ora são dadas e a oportunidade de publicá-las através dos contatos feitos com a Federação Espírita Brasileira.

A veracidade histórica do textos contidos nestes livros é tal, que um professor de História colocou em obra didática, adotada em escolas públicas, o trecho onde é narrada a noite de “São Bartolomeu”, encontrada no primeiro volume.

Estas 3 obras não podem faltar na estante dos espíritas que procuram os bons romances ditados a médiuns da estirpe de Yvonne A. Pereira. Se o leitor adquirir “Nas Voragens do Pecado”, certamente vai querer ter os outros dois romances que completam a trilogia.

PRATICANDO A MEDITAÇÃO

Por sugestão de confrades, iniciamos há cerca de 4 anos a prática da Meditação, na forma de técnica, destinada a pessoas indicadas por médicos, psicólogos e mesmo complementando os tratamentos espirituais realizados nesta casa, além daqueles que desejam desenvolver esta prática para facilitar a concentração. Atualmente contamos com a confeitaria Maria Emília Ferreira Saldanha, capacitada para executar esta prática, a qual, com sua boa vontade, sempre pronta a nos atender, não mede esforços para cumprir os compromissos assumidos com esta casa nos domingos programados, às 17 horas.

Esta atividade gratuita, oferecida pelo Consolador, diante da dificuldade financeira para o tratamento oferecido pelos expertos profissionais, está disponível a todos que necessitam e se interessam pela prática da meditação, com bons resultados já obtidos.

Consideramos a essa altura que a fase experimental já esteja ultrapassada, embora não possamos oferecer mais dias no mês para a sua prática. Lembramos que a assiduidade e o esforço persistente são indispensáveis para que se obtenham os efeitos desejados

Estão, pois, todos convidados, independente de crença e orientação religiosa, porque esta não é uma atividade doutrinária da casa e sim um dos serviços que prestamos à comunidade, pois o Espiritismo não faz proselitismo.

Para o mês de junho estão programados os seguintes domingos: dia 13 e dia 27, às 17 horas.

CONSOLIDADOR – COMUNIDADE ESPÍRITA CRISTÃ CALENDÁRIO DE ATIVIDADES PREVISTAS PARA 2010

04.JULHO (domingo)	= FESTA JULINA	[coord.: Adriana]
19.SETEMBRO (domingo)	= CHURRASCO	[coord.: Sandra / Eugenia]
17.OUTUBRO (domingo)	= FESTA DA FAMÍLIA	[coord.: Adriana]
12.DEZEMBRO (domingo)	= ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL	[coord.: Sandra / Eugenia]

REUNIÕES DE TRABALHADORES DO CONSOLIDADOR 2010:

JANEIRO:	28/01 (5a. feira) - 20 hs 02/02 (3a. feira) - 16 hs	JULHO:	29/07 (5a. feira) - 20 hs 03/08 (3a. feira) - 16 hs
FEVEREIRO:	25/02 (5a. feira) - 20 hs 02/03 (3a. feira) - 16 hs	AGOSTO:	26/08 (5a. feira) - 20 hs 07/09 (3a. feira) - 16 hs
MARÇO:	30/03 (3a. feira) - 20 hs 06/04 (3a. feira) - 16 hs	SETEMBRO:	30/09 (5a. feira) - 20 hs 05/10 (3a. feira) - 16 hs
ABRIL:	29/04 (5a. feira) - 20 hs 04/05 (3a. feira) - 16 hs	OUTUBRO:	28/10 (5a. feira) - 20 hs 02/11 (3a. feira) - 16 hs
MAIO:	25/05 (3a. feira) - 20 hs 01/06 (3a. feira) - 16 hs	NOVEMBRO:	30/11 (3a. feira) - 20 hs 07/12 (3a. feira) - 16 hs
JUNHO:	29/06 (3a. feira) - 20 hs 06/07 (3a. feira) - 16 hs	DEZEMBRO:	21/12 (3a. feira) - 20 hs 28/12 (3a. feira) - 16 hs

Canto da Poesia

No dia 10 de maio do ano em curso, Denise Rocha proferiu brilhante palestra em nossa casa, terminando-a com um belo poema de Antônio Roberto Fernandes. Pelo interesse despertado, seguido de solicitações de cópias pelo público, Denise que é sobrinha do poeta, obteve a permissão da família para que o publicássemos.

Nota: Dr. Antonio Roberto Fernandes nasceu em São Fidelis, RJ. Transferiu-se para Campos dos Goytacazes, onde cursou medicina e lá constituiu família. Durante sua vida exerceu diversas funções culturais na cidade, vindo a desencarnar em 2008. Este é o poema solicitado. Que ele possa despertar no leitor as mesmas emoções sentidas naquele encontro!

MAS

E eu que achei que a lua não brilhasse
Sobre os mortos, no campo da guerrilha.
Sobre a relva que encobre a armadilha
Ou sobre o esconderijo da quadrilha;
Mas brilha.

E achei que nenhum pássaro cantasse,
Se um lavrador não colhe mais o que planta.
Se uma família vai dormir sem janta.
Com um soluço preso na garganta;
Mas canta.

Também pensei que a chuva não regasse
A folha cujo leite queima e cega
A carnívora flor que o inseto pega
Ou o espinho oculto na macega;
Mas rega.

Pensei também que o orvalho não beijasse
A venenosa cobra que rasteja
No silêncio da noite sertaneja
Sobre as ruínas da esquecida igreja;
Mas beija.

Imaginei que a água não lavasse
O chicote que em sangue se deprava,
Quando de forma monstruosa e brava
Abre trilhas de dor na pele escrava;
Mas lava.

Apostei que nenhuma borboleta,
- Por ser um vivo exemplo de esperança -,
Dançaria contente, leve e mansa
Sobre o túmulo em flor de uma criança;
Mas dança.

Por isso achei que não mais fizesse
Poema algum após tanto embaraço.
Tanta decepção, tanto cansaço,
E tanta espera, em vão, por teu abraço;
Mas faço.

visite nosso site: www.consolador.org